

**Figura 2.** Espécies de Dendrobranchiata (Aristeidae) coletas no REVIZEE/SCORE Central (11° - 22° S). A, *Aristaeopsis edwardsiana* (Jonhson, 1867) (CC=2,7 a 8,1 cm); B, *Aristeus antillensis* A. Milne Edwards & Bouvier, 1909 (CC=2,7 a 5,4 cm).

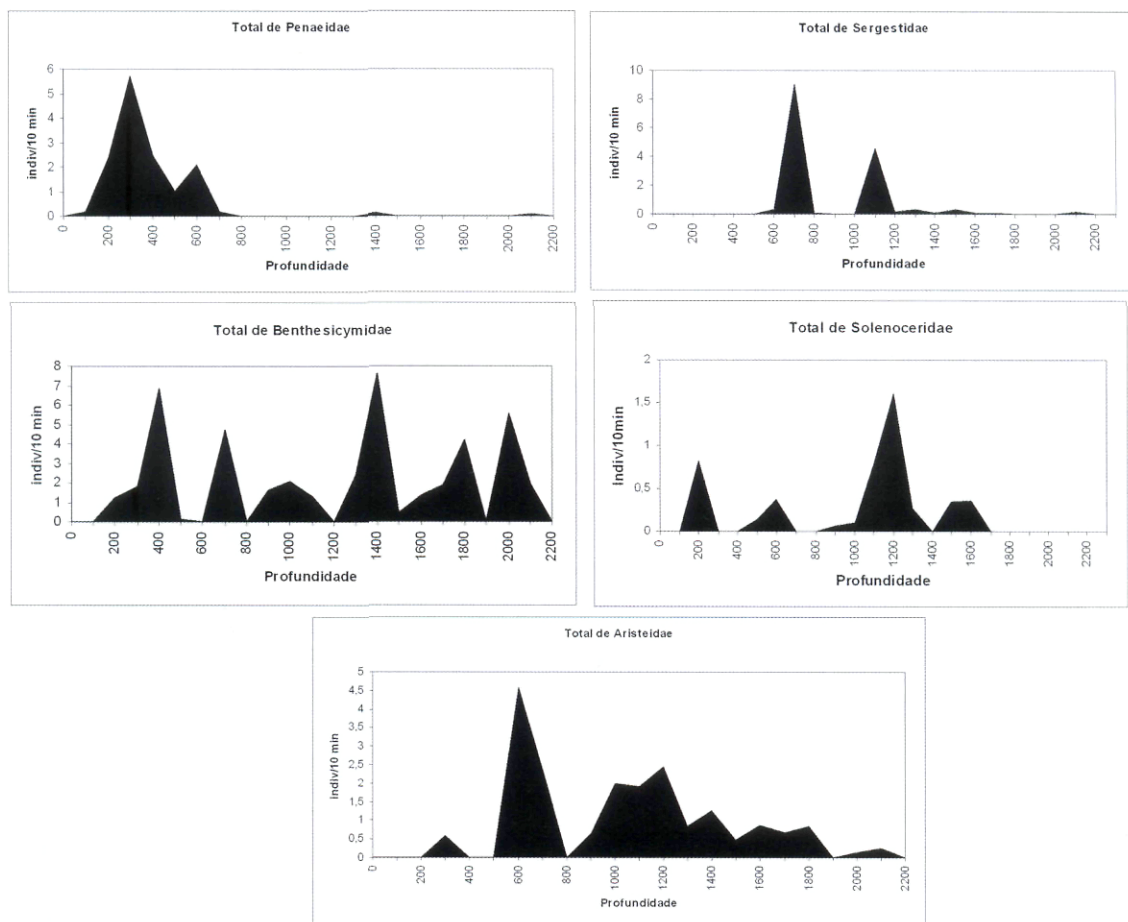
Solenoceridae foi representada por quatro espécies: *Solenocera vioscai*, *S. acuminata* e *S. atlantis* ocorreram no talude superior, e *Hymenopenaeus debilis* ocorreu entre 557 e 1.694 m.

*Sicyonia burkenroadi* foi a única espécie encontrada de Sicyoniidae a 250 m, uma vez que esta é uma família demersal litorânea, ocorrendo nos limites das isotermas 20° e 15° C.

As duas espécies de Benthescymidae ocorreram dos 500 até 2.200 m, mostrando uma ampla

distribuição batimétrica. Em D´Incao (1995), tal grupo foi considerado como demersal, ocorrendo em profundidades maiores do que 1.000 m.

Espécies de Aristeidae são consideradas bentônicas, meso ou batipelágicas. O grupo apresentou três espécies ao longo do talude superior e médio (250-1.000 m), *A. foliacea*, *A. edwardsiana* e *A. antennatus*. As demais espécies ocorreram em profundidades maiores do que 1.000 m e com ampla distribuição batimétrica.

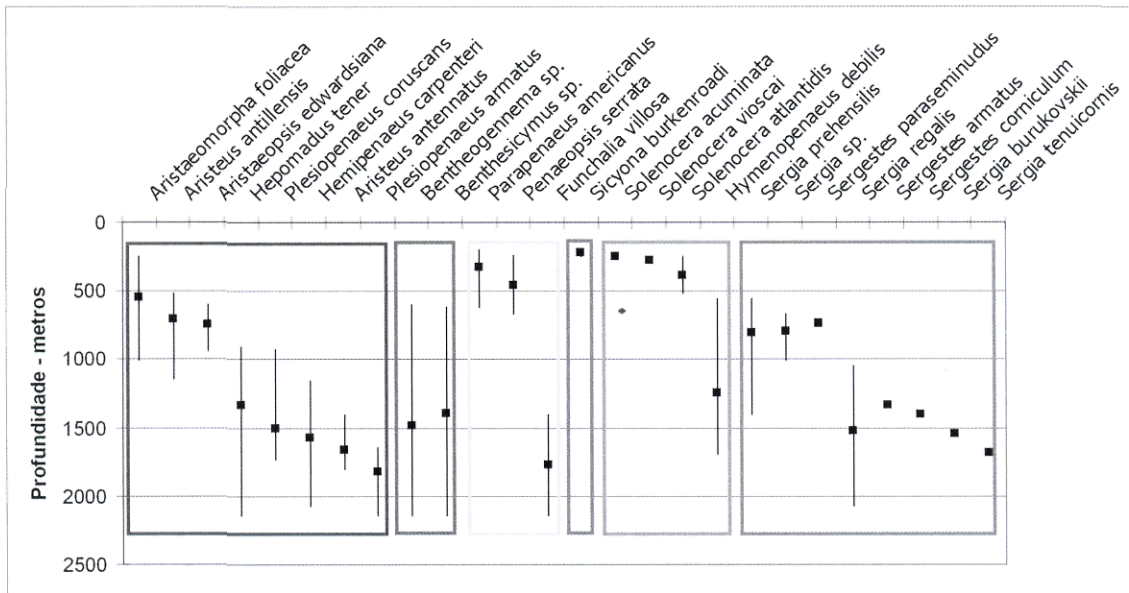


**Figura 3.** Gráficos de CPUE (captura por unidade de esforço) em indivíduos/10 min de arrasto de cinco famílias de Dendrobranchiata relacionados com a profundidade, proveniente das coletas realizadas pelo REVIZEE/SCORE Central (11° a 22° S).

*Subordem Pleocyemata*  
*Infraordem Caridea*

Caridea foi o grupo que apareceu com o maior número de espécies (38), distribuídas em seis famílias. Os Caridea são comuns em amostras do mar profundo e apresentam também maior riqueza de espécies nas quatro províncias biogeográficas temperadas frias da América do Norte (Oregon, Aleutian, Ártica e Boreal) quando comparados com os Brachyura (Boschi, 2000). Nas demais 12 das 16 províncias biogeográficas das Américas discutidas por Boschi (2000), os Brachyura apresentam maior riqueza de espécies, considerando-se que são o maior grupo dentre os Decapoda. Do total de 38 espécies, 22 são novas ocorrências para o

Brasil. Oplophoridae com 10, Pandalidae com nove, Glyphocrangonidae com oito e Pasiphaeidae com seis foram as famílias que apresentaram o maior número de espécies, sendo que Oplophoridae (Cardoso & Young, 2005) e Pasiphaeidae foram as famílias que apresentaram maior número de novos registros para o Brasil (Tabela 2). A alta riqueza de espécies de Oplophoridae e Pandalidae é uma das características da fauna de mar profundo de zonas tropicais e subtropicais (Cartes, 1993). Dentre os Pandalidae, seis espécies são de *Plesionika*, mas apenas *P. edwardsii*, que é uma nova ocorrência para o Brasil, foi identificada em nível de espécie. Outras cinco espécies de *Plesionika* foram registradas para o Brasil (Ramos-Porto & Coelho, 1998).



**Figura 4.** Distribuição batimétrica (profundidade mínima, média e máxima de ocorrência) das espécies de Dendrobranchiata coletadas pelo REVIZEE/SCORE Central (11° - 22° S). Da esquerda para direita, famílias Aristidae, Benthescycymidae, Penaeidae, Sicyoniidae, Solenoceridae e Sergestidae.

Alguns dos exemplos de carídeos coletados pelo REVIZEE encontram-se na Figura 5.

Os carídeos também são explorados comercialmente, mas vêm atrás em importância econômica quando comparados com os Penaeidae. Famílias marinhas com maior interesse comercial são Pandalidae e Crangonidae, especialmente em regiões de latitudes mais altas, onde os Penaeidae decrescem em riqueza e abundância (Holthuis, 1980).

Se analisarmos a CPUE das quatro famílias de Caridea mais representativas, observamos que todas elas apresentaram baixa abundância na zona da quebra da plataforma e talude superior entre 200 e 400 m (Figura 6). A partir dos 400-500 m temos um aumento significativo da abundância nas quatro famílias, mas depois o gráfico varia conforme o grupo. Para Glyphocrangonidae e Nematocarcinidae os maiores picos de abundância vão até os 1.200 m, Oplophoridae vai até 1.400 m, e Pasiphaeidae apresenta as maiores abundâncias entre 800 e 1.300 m, mas com menos indivíduos quando comparado com os outros grupos (Figura 6).

Observando a distribuição batimétrica das espécies

individualmente, notamos mais uma vez que existem espécies com ampla distribuição vertical, e outras que são mais restritas a uma determinada profundidade (Figura 7). Tais espécies com ampla distribuição vertical são geralmente pelágicas, euritérmicas e fazem migrações verticais em busca de alimento na coluna d'água.

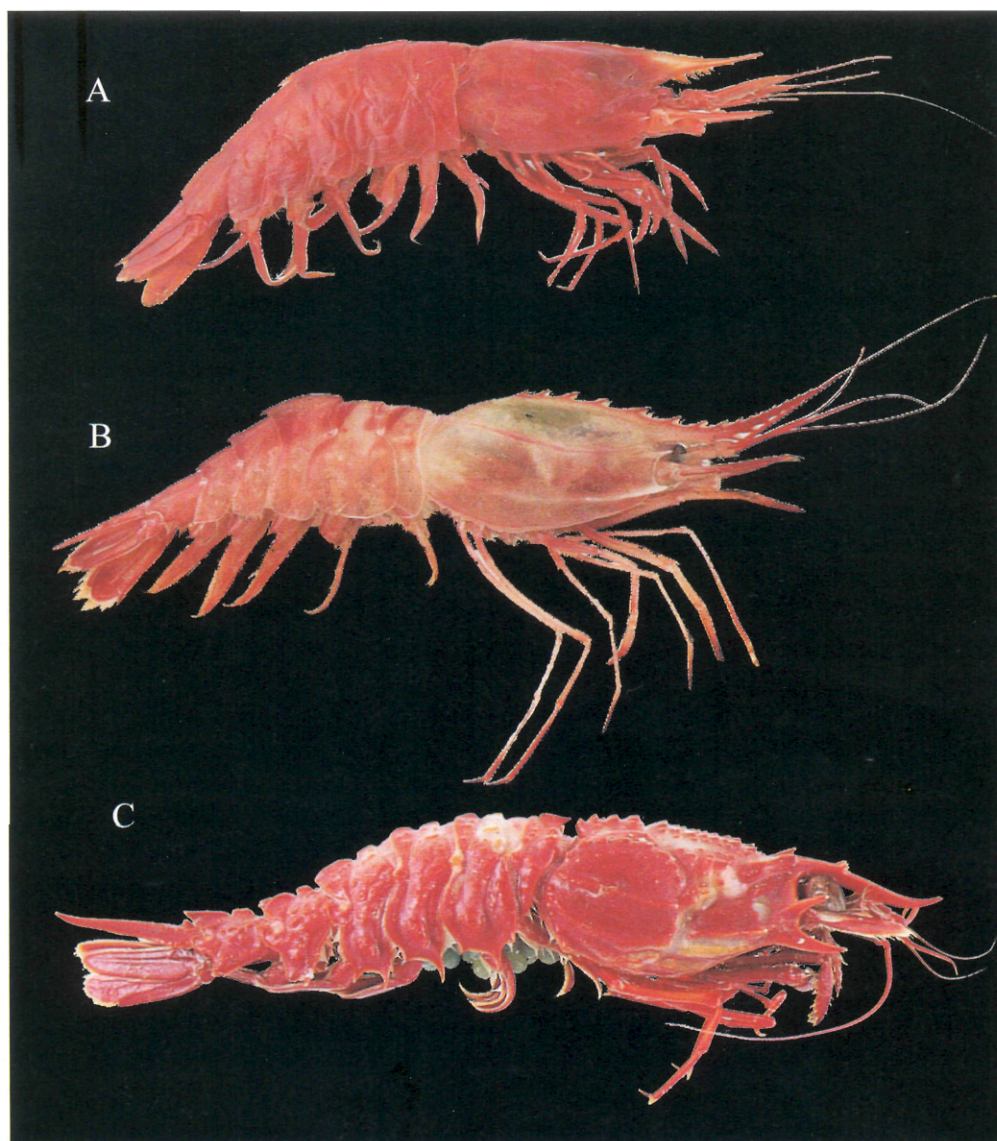
Duas espécies de Pasiphaeidae, *Pasiphaea* sp. e *P. merriami* apresentaram uma distribuição mais ampla entre 600 e 2.100 m. As demais espécies ocorreram entre 1.400 e 2.200 m. Oplophoridae apresentou um gradiente de espécies em diferentes profundidades. As espécies com maiores amplitudes foram *Janicella spinicauda* (42-1.680 m), *Oplophorus spinosus* (600-1.700 m) e *Acanthephyra eximia* (300-1.800 m) (Figura 7A). As demais espécies de Oplophoridae foram coletadas em número reduzido (1-4 indivíduos), o que poderia explicar a distribuição pontual dessas espécies.

Nematocarcinidae foi representada por duas espécies: *Nematocarcinus* sp., com distribuição entre 600 e 2.100 m, e *Nematocarcinus* sp. 1, com apenas 1 indivíduo coletado a 1.144 m. Entre os Pandalidae, as espécies de *Plesionika* e *Heterocarpus ensifer* apresentaram uma

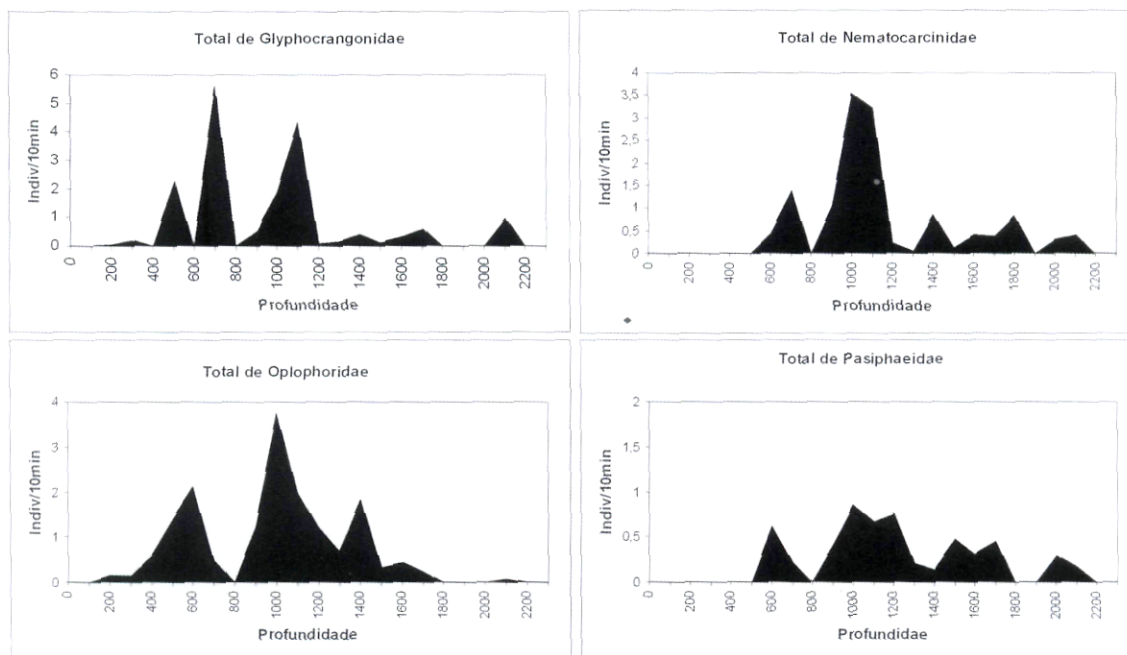
distribuição restrita em torno de 300 e 500 m. *Heterocarpus inopinatus* foi a espécie com maior abundância e com maior amplitude de distribuição ocorrendo entre 278-1720 m (Figura 7B).

Crangonidae foi representada por três espécies: *Crangon* sp. e *Parapontocaris* sp. ocorreram apenas no talude superior (350-500 m), enquanto que *Parapontophilus* sp. ocorreu entre 550 e 1.640 m.

Glyphocrangonidae foi representada por oito espécies de *Glyphocrangon* e, visivelmente, houve uma zonação das espécies ao longo do talude, com *G. aurantiaca*, *G. alispina* e *G. neglecta* com profundidade média no talude superior (600 m), *G. nobilis* e *G. aculeata* com profundidade média em 1.100 m e *G. spinicauda*, *G. longirostris* e *G. sculpta* com profundidades médias entre 1.600 e 1.900 m (Figura 7C).



**Figura 5.** Espécies de Caridea coletadas no REVIZEE/SCORE Central (11° - 22° S). A, *AcanthePHYra eximia* Smith, 1884 (CC = 2 a 4,5 cm); B, *Heterocarpus inopinatus* Tavares, 1999 (CC = 3,5 cm); C, *Glyphocrangon longirostris* (Smith, 1882) (CC = 1,2 a 3 cm).



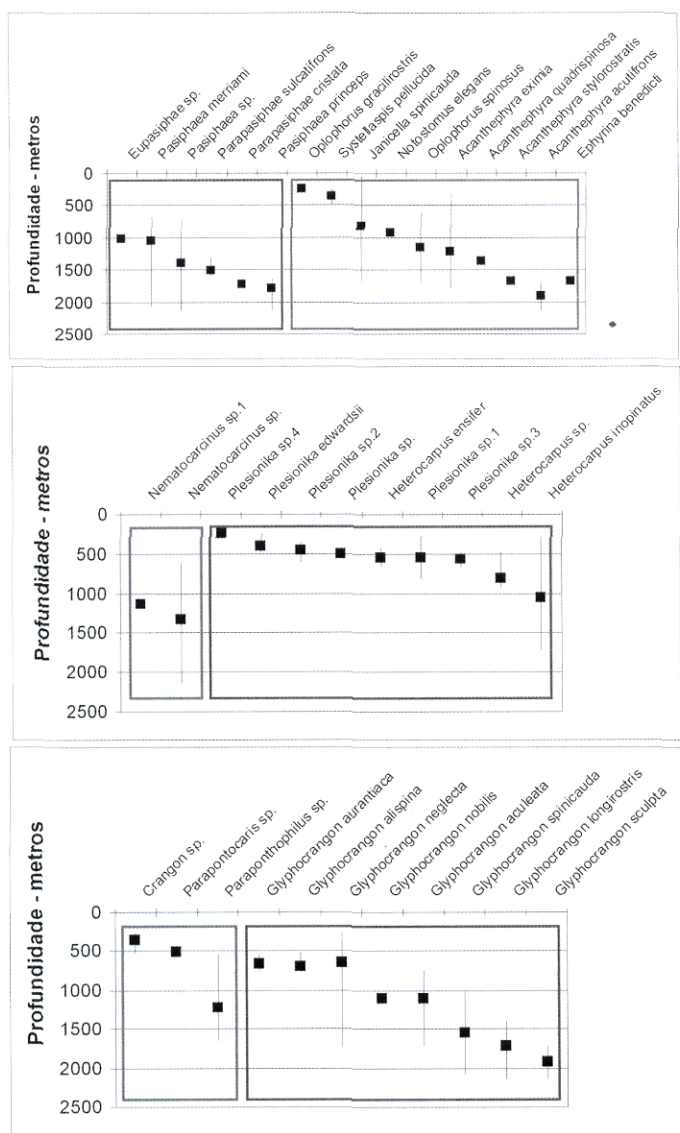
**Figura 6.** Gráficos de CPUE (captura por unidade de esforço) em indivíduos/10 min de arrasto relacionados com a profundidade de cinco famílias de Caridea proveniente das coletas realizadas pelo REVIZEE/SCORE Central (11° a 22° S).

#### *Infraordens Achelata, Astacidea e Polychelida*

Ao todo foram coletadas 15 espécies de Achelata, Astacidea e Polychelida, distribuídas em quatro famílias: Palinuridae (uma), Scyllaridae (cinco), Nephropidae (cinco) e Polychelidae (quatro) (Tabela 2). Palinuridae e Scyllaridae incluem espécies da plataforma continental, sendo muitas delas com alto valor comercial em diferentes regiões do mundo. Entre os Palinuridae, apenas um exemplar de *Panulirus argus* (lagosta-vermelha) foi coletado, uma vez que é uma espécie de águas mais rasas (até 90 m) e é preferencialmente coletada com armadilhas. *Panulirus argus* é considerada uma das espécies com maior valor comercial na costa brasileira, Mar do Caribe, Golfo do México e Flórida (Holthuis, 1991). A família Scyllaridae, conhecida como lagosta-sapateira, foi representada por cinco espécies (Tabela 2), mas com poucos indivíduos. Ainda assim, espécies desse grupo atingiram profundidades do talude superior ainda não registradas para a costa brasileira (Figura 8).

A família Nephropidae predomina em águas profundas e foi representada por cinco espécies no REVIZEE,

sendo duas novas ocorrências para a costa brasileira, *N. neglecta* e *N. rosea* (Figura 9A) (Tavares & Young, 2002). As demais espécies foram citadas anteriormente para o Brasil, em Melo (1999), mas tiveram seus registros ampliados para área de estudo. *Acanthacaris caeca* (Figura 9B) é uma espécie relativamente grande (até 40 cm de comprimento) e tinha registro para o Brasil apenas para o Amapá. Todas as espécies de Nephropidae encontradas ocorrem também no Mar do Caribe, Golfo do México, e Flórida, e algumas são exploradas comercialmente, como *N. aculeata* (Holthuis, 1991). Contudo, por serem espécies de mar profundo, o custo operacional da pesca é maior, o que muitas vezes inviabiliza a exploração dessas espécies. A espécie explorada comercialmente no Brasil é *Metanephrops rubellus* (Moreira, 1903), que ocorre na plataforma (Melo, 1999). Ainda assim, a abundância dessas espécies no REVIZEE foi baixa, com um máximo de 35 indivíduos para *N. neglecta*, o que indica nenhum ou baixo potencial pesqueiro dessas espécies para o Brasil na área amostrada. A distribuição batimétrica de *A. caeca*, *N. aculeata* e *N. rosea* ficou entre 500 e 600 m, *N. neglecta* entre 300 e 1.089 e *N. agassizi* em 1.600 m (Figura 8).



**Figura 7.** Distribuição batimétrica (profundidade mínima, média e máxima de ocorrência) das espécies de Caridea coletadas pelo REVIZEE/SCORE Central (11° - 22° S). Da esquerda para direita, A, Pasiphaeidae e Olophoridae; B, Nematocarcinidae e Pandalidae; C, Crangonidae e Glyphocrangonidae.

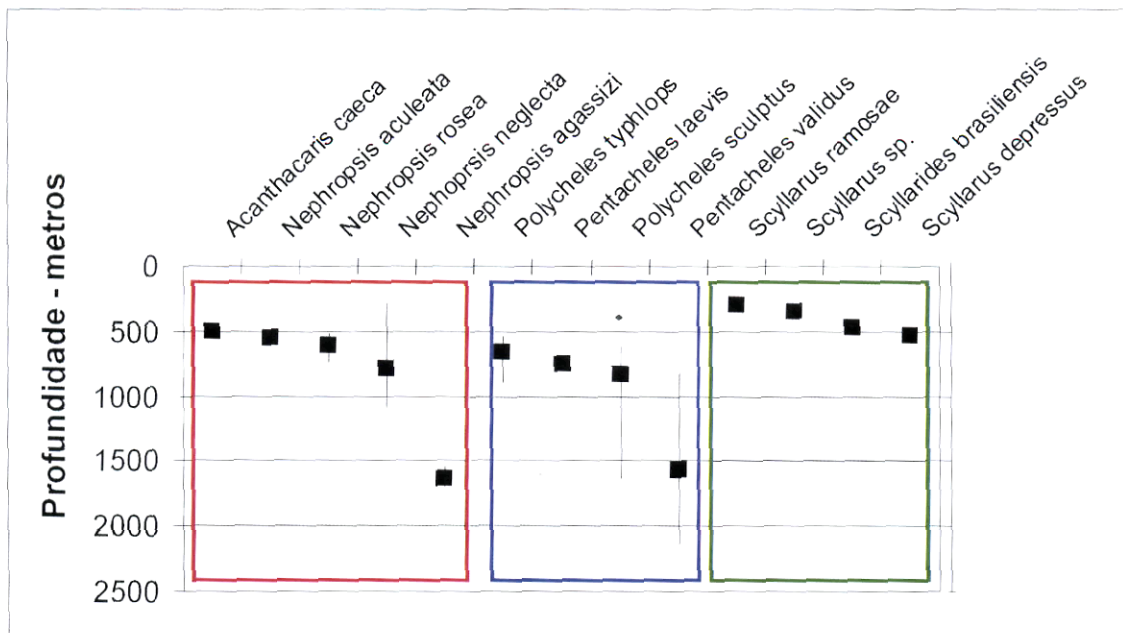
A família Polychelidae inclui as lagostas de mar profundo (200-5.000 m), nas quais os quatro primeiros pares de patas são quelados, e o cefalotórax é achatado dorsoventralmente (Figura 9C). Membros desse grupo possuem uma distribuição mundial e são considerados basais na evolução de Decapoda Reptantia (Ahyong & O'Meally, 2004). As quatro espécies de

Polychelidae coletadas foram registradas recentemente para o Brasil (Silva-Ferreira et al., 2002; Dall'Occo & Tavares, 2004), mas novos registros para a área de estudo são estabelecidos (Tabela 2). *Polycheles typhlops* e *Pentacheles laevis* ocorreram em profundidades médias entre 600 e 750 m. *Polycheles sculptus* entre 600 e 1.640 m e *P. validus* teve a maior amplitude, ocorrendo entre 800 e 2.137 m. Os cálculos de abundância através de CPUE tiveram picos em torno de 500-800 m e 1.900-2.200 m (Figura 10). Contudo, a abundância relativa dessas espécies é baixa, com valores maiores para *P. sculptus* e *P. typhlops* (Tabela 3).

#### Infraordem Anomura

Foram coletadas 17 espécies de Anomura distribuídas em três famílias: Chirostilyidae (uma espécie), Galatheidae (13 espécies) e Lithodidae (três espécies). O chirostilídeo, *Uroptychus nitidus*, apareceu em pequenas quantidades (nove indivíduos) e somente a 900 m de profundidade. A maioria do material coletado foi de Galatheidae, grupo bem estudado na costa brasileira e comum em amostragens do talude (Tavares & Campinho, 1997; Melo, 1999; Melo-Filho & Melo, 2001). Ainda assim, dois novos registros de *Munidopsis* para o Brasil foram coletados, *M. rostrata* e *M. riveroi* (Rodrigues, 2006). A primeira espécie possui distribuição no Pacífico e Atlântico, e a segunda é conhecida apenas para o Mar do Caribe. Uma das particularidades dos galateídeos é que eles são animais gregários, formando grandes aglomerados de indivíduos, e várias espécies vivem em simpatria no mesmo local (Melo-Filho & Melo, 2001). Nas coletas do REVIZEE, *Munida longipes* foi a espécie mais abundante

(AR = 12,26%, Tabela 3), apresentando padrão de distribuição aglomerado em algumas estações e aparecendo com até 300 indivíduos em uma estação. Quanto à distribuição batimétrica (Figura 11), *M. flinti* e *M. forceps* tiveram uma distribuição no talude superior (300 m). Contudo, a maioria das espécies ficou distribuída entre 500 e 1.000 m, sendo que *M. rostrata* (Figura 12A), com apenas um indivíduo,



**Figura 8.** Distribuição batimétrica (profundidade mínima, média e máxima de ocorrência) das espécies de Nephropidae, Polychelidae e Scyllaridae (da esquerda para direita) coletadas pelo REVIZEE/SCORE Central (11° - 22° S).

foi encontrada a 2.200 m (Figura 11).

Os Lithodidae foram representados por três espécies, sendo duas novas ocorrências para o Brasil, *L. manningi* e *N. agassizi* (Tabela 2, Figura 12B), resultado que foi divulgado anteriormente em Young e Serejo (2002). *Lithodes manningi* foi coletada anteriormente ao largo da Guiana Francesa, e *N. agassizi* é conhecida para o noroeste do Atlântico, entre 34°-7°N (Macpherson, 1988). Quatro espécies de Lithodidae foram registradas anteriormente para águas brasileiras, *Paralomis formosa*, *P. cubensis* Chace, 1939, *P. grossmani* Macpherson, 1988 e *Lithodes murrayi* Henderson, 1888 (Melo, 1999; Nucci & Melo, 2002). Porém, o grupo é extenso, com 30 espécies sendo registradas para o Atlântico (Macpherson, 1988), o que indica que outras espécies podem vir a ser encontradas no Brasil. Muitos litodídeos são comercialmente importantes em várias regiões do Hemisfério Norte. Uma das espécies com alto valor comercial é o caranguejo-rei do Alasca, *Paralithodes camtschaticus* Tilesius, 1815, cuja envergadura das patas pode alcançar 120 cm. Os litodídeos são encontrados em águas rasas apenas em regiões temperadas frias, mas são característicos

de águas profundas em outras regiões (Hessler & Wilson, 1983). As três espécies de litodídeos foram coletadas em profundidades maiores do que 1.000 m (Figura 11).

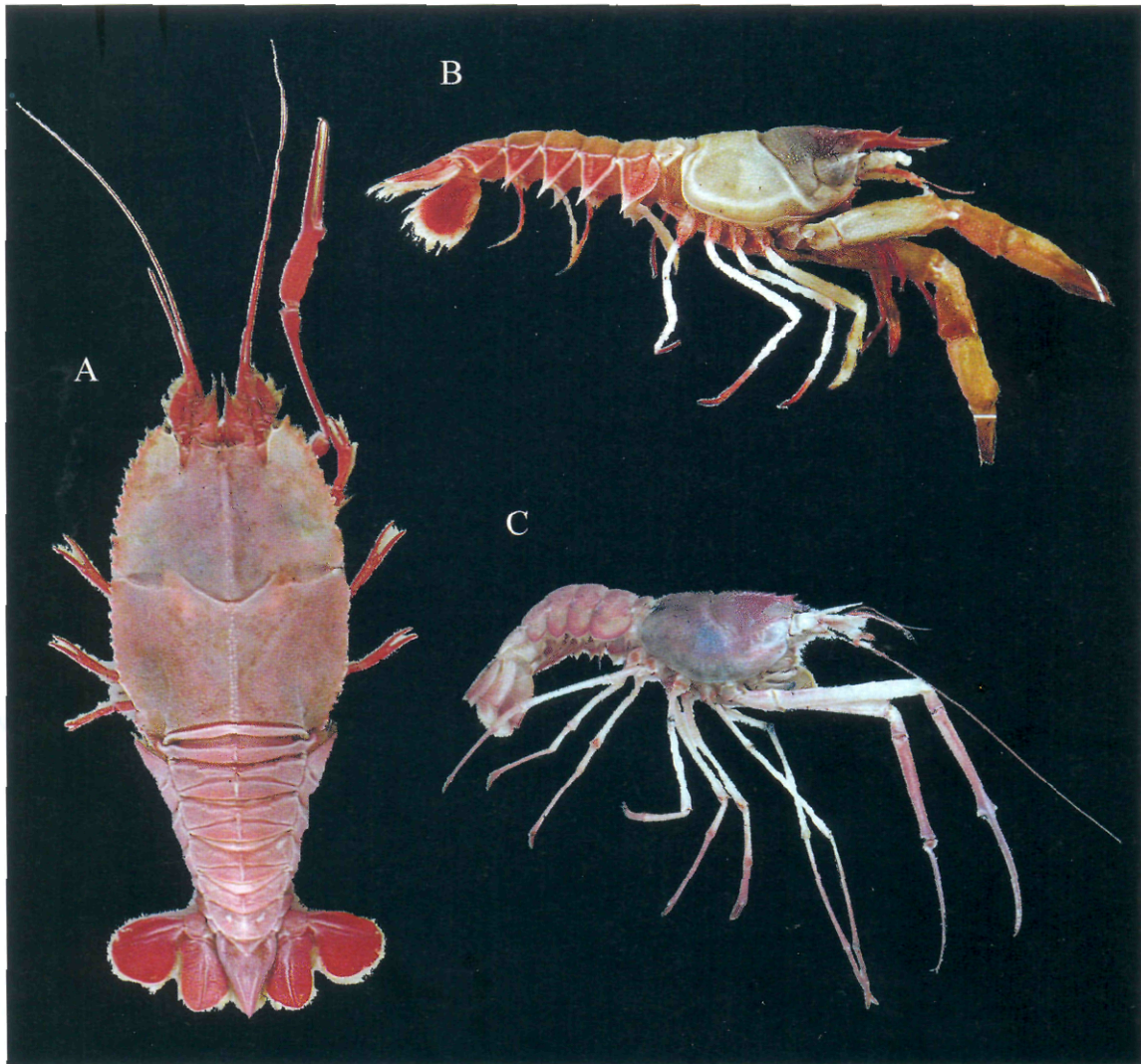
Os Anomura apareceram com baixa abundância de uma maneira geral, portanto foi realizado apenas um gráfico de CPUE para os galateídeos, que apresentou o maior pico de abundância entre 200 e 400 m e picos menores entre 600-800 e 1.200 m (Figura 13).

#### Infraordem Brachyura

Os braquiúros foram representados por 19 espécies distribuídas em 12 famílias, sendo que duas são novos registros para o Brasil: *Homologenus rostratus* e *Homolodromia monstrosa* (Tavares & Young, 2004). A família Majidae foi a que apresentou o maior número de espécies (cinco), seguida das demais famílias com apenas uma ou duas espécies. Tal resultado difere do padrão observado no REVIZEE Bentos, em que se encontrou 64 espécies de Brachyura, sendo 27 delas de Majidae (Serejo et al., 2006). Explicação para tal resultado deve-se à

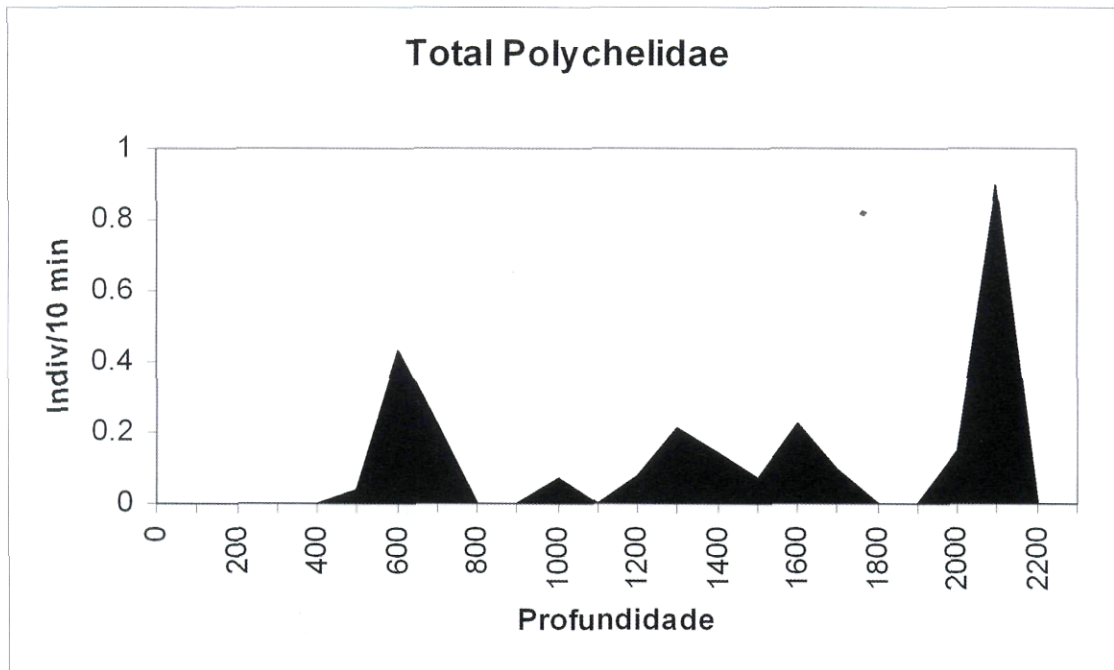
preferência dos Brachyura em colonizar as zonas da plataforma e talude superior (Hessler & Wilson, 1983), áreas nada ou pouco amostradas neste estudo. Ainda assim, observamos espécies de Brachyura que estão adaptadas a zonas batiais, com algumas apresentando uma distribuição batimétrica ampla como é o caso de *Homologenus rostratus* e *Stenocionops spinosissima* (Figuras 12C e 14). Mas, com exceção dessas duas espécies que colonizaram profundidades maiores que 1.000 m, os demais táxons de Brachyura

se distribuíram no talude superior (250 e 900 m) (Figura 14). *Palicus acutifrons*, que era uma espécie conhecida apenas para a plataforma (Melo, 1996), foi registrada na faixa dos 500 a 900 m. A abundância das espécies de Brachyura no geral foi baixa. *Palicus acutifrons* (27 indivíduos.), *Portunus spinicarpus* (17) e *Chaceon ramosae* (14) são as espécies com maiores abundâncias encontradas. Dessas espécies, *Chaceon ramosae*, juntamente com *C. notialis*, têm sido um dos alvos da pesca de mar profundo ao largo da costa



**Figura 9.** Espécies de Polychelidae e Nephropidae coletadas no REVIZEE/SCORE Central. A, *Nephropsis rosea* Bate, 1888 (CC = 2-5,9 cm); B, *Acanthacaris caeca* (A. Milne-Edwards, 1881) (CC = 11,5 cm); C, *Pentacheles laevis* Bate, 1878 (CC = 5,1 cm).





**Figura 10.** Gráfico de CPUE (captura por unidade de esforço) de indivíduos/10 min de arrasto relacionados com a profundidade de Polychelidae.

do Brasil (Perez et al., 2003).

#### Abundância relativa e frequência de ocorrência

Um total de 17.874 crustáceos de vida livre, sendo 13.885 da campanha Bahia I e 3.989 da campanha Bahia II, foram coletados. As espécies que apresentaram uma frequência de ocorrência maior ou igual a 10% em uma das duas campanhas encontram-se listadas na Tabela 3. Na campanha Bahia I, o oploforídeo *Janicella spinicauda* predominou nas amostras, apresentando uma alta abundância relativa de 73,66%, seguida de *Euphausia* sp. (6,99%). As demais espécies apresentaram valores bem mais baixos. A espécie mais freqüente foi também *J. spinicauda* (42,86%), seguida de *Nephrops neglecta* (28,57%), *Acanthephyra eximia* (28,57%) e *Euphausia* sp. (21,43). Nessa campanha foram realizadas muitas amostras pelágicas, o que proporcionou a coleta de crustáceos típicos desse ambiente. Na campanha Bahia II, foram realizados apenas arrastos demersais, e a espécie que prevaleceu foi *Benthescymus* sp. com abundância relativa de 13,99%, seguida de *Munida longipes* (12,26),

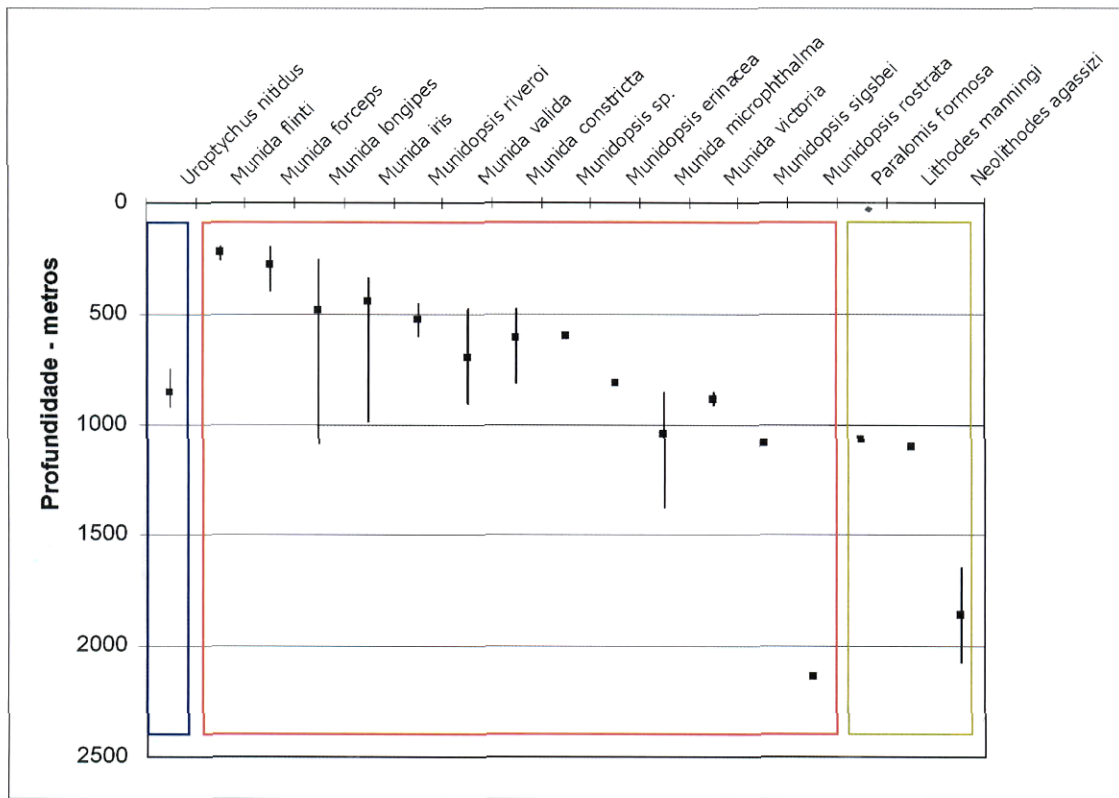
*Penaeopsis serrata* (6,57%), *Nematocarcinus* sp. (5,92%) e *Acanthephyra eximia* (4,34%). As demais espécies apresentaram valores mais baixos. Quanto à frequência de ocorrência temos, mais uma vez *Benthescymus* sp. aparecendo em 52,63% das amostras, seguido de *Nematocarcinus* sp. (47,37%), *Hepomadus tener* (42,11%), *Acanthephyra eximia* (38,60%) e *Heterocarpus inopinatus* (38,60%) (Tabela 3).

#### ESTRUTURA E COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE

Fatores físicos e biológicos vão influenciar a estrutura e composição da comunidade ao longo do talude. Condições hidrográficas, profundidade e sedimentação são alguns dos fatores físicos. Disponibilidade de alimento, relação presa-predador e competição interespecífica são vistas como importantes fatores biológicos (Cartes & Sardà, 1993). A profundidade é sem dúvida um dos fatores determinantes na zonação, abundância e riqueza das comunidades ao longo do mar profundo, relações essas que serão analisadas no

**Tabela 3.** Abundância relativa (AR) e frequência de ocorrência (FO) das espécies que aparecem em pelo menos 10% das amostras em uma das campanhas. D = demersal, P = pelágico. Espécies mais representativas estão em negrito.

FAMÍLIA	ESPÉCIE	BAHIA I			BAHIA II	
		AR (%)	FO (%)	Tipo de coleta	AR (%)	FO (%)
Serolidae	<i>Serolis insignis</i>				0,43	10,53
Cirolanidae	<i>Bathynomus miyarei</i>	0,02	7,14	D	0,73	12,28
Cirolanidae	<i>Bathynomus giganteus</i>	0,03	14,29	D	0,65	19,30
Lophogastridae	<i>Gnatophausia ingens</i>				0,40	17,54
Lophogastridae	<i>Gnatophausia zoea</i>				0,18	10,53
Euphausiidae	<i>Euphausia</i> sp.	6,99	21,43	P	0,10	7,02
Aristeidae	<i>Aristaeomorpha foliacea</i>				3,38	15,79
Aristeidae	<i>Aristaeopsis edwardsiana</i>				0,70	17,54
Aristeidae	<i>Aristeus antennatus</i>				0,55	12,28
Aristeidae	<i>Aristeus antillensis</i>				3,46	14,04
Aristeidae	<i>Hemipenaeus carpenteri</i>				0,25	10,53
<b>Aristeidae</b>	<b><i>Hepomadus tener</i></b>				<b>4,41</b>	<b>42,11</b>
Aristeidae	<i>Plesiopenaeus coruscans</i>				0,80	24,56
<b>Benthescymidae</b>	<b><i>Benthescymus</i> sp.</b>	<b>0,01</b>	<b>7,14</b>	<b>D</b>	<b>13,99</b>	<b>52,63</b>
Penaeidae	<i>Penaeopsis serrata</i>	1,25	7,14	D	6,57	26,32
Penaeidae	<i>Parapenaeus americanus</i>				0,53	10,53
Sergestidae	<i>Sergia prehensilis</i>				1,13	10,53
Sergestidae	<i>Sergia regalis</i>				0,30	12,28
Solenoceridae	<i>Hymenopenaeus debilis</i>	0,02	14,29	D	1,65	29,82
Glyphocrangonidae	<i>Glyphocrangon aculeata</i>	0,06	21,43	D	2,41	29,82
Glyphocrangonidae	<i>Glyphocrangon longirostris</i>				1,28	21,05
Glyphocrangonidae	<i>Glyphocrangon neglecta</i>	1,92	14,29	D	1,68	8,77
Nematocarcinidae	<i>Nematocarcinus</i> sp.	0,01	7,14	D	5,92	47,37
Oplophoridae	<i>Acanthephyra eximia</i>	0,13	28,57	D + P	4,34	38,60
<b>Oplophoridae</b>	<b><i>Janicella spinicauda</i></b>	<b>73,66</b>	<b>42,86</b>	<b>D + P</b>	<b>2,08</b>	<b>22,81</b>
Oplophoridae	<i>Oplophorus spinosus</i>	0,03	7,14	D	0,93	28,07
<b>Pandalidae</b>	<b><i>Heterocarpus inopinatus</i></b>	<b>1,80</b>	<b>14,29</b>	<b>D</b>	<b>3,18</b>	<b>38,60</b>
Pasiphaeidae	<i>Parapasiphae</i> sp.				0,20	10,53
Pasiphaeidae	<i>Pasiphaea princeps</i>				0,45	15,79
Pasiphaeidae	<i>Pasiphaea</i> sp.	0,02	7,14	D	1,58	29,82
Nephropidae	<i>Nephropsis neglecta</i>	0,25	28,57	D + P		
Nephropidae	<i>Nephropsis rosea</i>	0,17	14,29	D	0,08	3,51
Polychelidae	<i>Polycheles sculptus</i>	0,13	14,29	D	0,35	17,54
Polychelidae	<i>Polycheles typhlops</i>	0,11	14,29	D	0,18	5,26
Polychelidae	<i>Pentacheles validus</i>	0,01	14,29	D + P	0,60	12,28
Portunidae	<i>Portunus spinicarpus</i>	0,11	21,43	D	0,05	3,51
Scyllaridae	<i>Scyllarides brasiliensis</i>	0,04	14,29	D		
Galatheididae	<i>Munida constricta</i>	0,37	28,57	D	0,28	5,26
Galatheididae	<i>Munida forceps</i>				0,83	15,79
Galatheididae	<i>Munida longipes</i>	2,41	7,14	D	12,26	22,81
Galatheididae	<i>Munida microphthalmalma</i>	0,12	21,43	P + D	0,10	7,02
Galatheididae	<i>Munida valida</i>	0,42	28,57	D	0,25	8,77
Galatheididae	<i>Munida victoria</i>	0,04	21,43	D + P		
Geryonidae	<i>Chaceon ramosae</i>	0,09	35,71	D	0,03	1,75
Majidae	<i>Podochela gracilipes</i>	0,01	14,29	D		
Majidae	<i>Stenorhynchus seticornis</i>	0,05	14,29	D		
Palicidae	<i>Palicus acutifrons</i>	0,17	28,57	P + D		



**Figura 11.** Distribuição batimétrica (profundidade mínima, média e máxima de ocorrência) das espécies de Anomura coletadas pelo REVIZEE/SCORE Central (11° - 22° S). Da esquerda para direita, famílias Chyrostilidae, Galatheidae e Lithodidae.

presente trabalho.

Na zona do talude, observou-se um acréscimo da abundância a partir dos 300 m atingindo os valores mais elevados na faixa dos 500 m, seguida de leve declínio, mas ainda com valores altos até os 1.200 m de profundidade. Em profundidades maiores que 1.200 m, foi verificado um decréscimo da abundância dos crustáceos (Figura 15). Colloca et al. (2003) encontraram resultados similares em estudo de comunidades demersais no Mediterrâneo Central. Apesar de esses autores trabalharem apenas na faixa da plataforma até 600 m, para Crustacea foi observado um aumento da abundância da plataforma para o talude superior. Company et al. (2004) analisaram a estrutura da população de Decapoda na região do talude até 500 m, no Mediterrâneo Ocidental e Central, e observaram o pico de abundância nos 500 m, mas com decréscimo em profundidades maiores.

O padrão observado para a diversidade de espécies, calculada segundo o índice de Shannon-Weaver, e para a riqueza de espécies em relação à profundidade foi um pouco diferente. Ocorreu um ligeiro acréscimo dessas duas variáveis da borda da plataforma em direção ao talude superior, mas os valores continuam altos até a faixa dos 1.800 m (Figura 16). A partir dessa profundidade, maiores inferências ficaram comprometidas, considerando que somente duas estações foram prospectadas abaixo dessa faixa batimétrica. Ainda assim, verificou-se uma tendência à redução tanto da diversidade quanto da riqueza de espécies. Cartes e Sardà (1992) compararam a riqueza de espécies de Decapoda em diferentes regiões do Atlântico (Baía de Biscaia, Mar Catalão, Nova Inglaterra e Nova Escócia) e apontaram a região entre 500 e 700 m como a de maior riqueza, seguida de decréscimo gradativo em profundidades maiores. Colloca et al. (2003) também observaram um aumento de diversidade e riqueza dos crustáceos da plataforma